

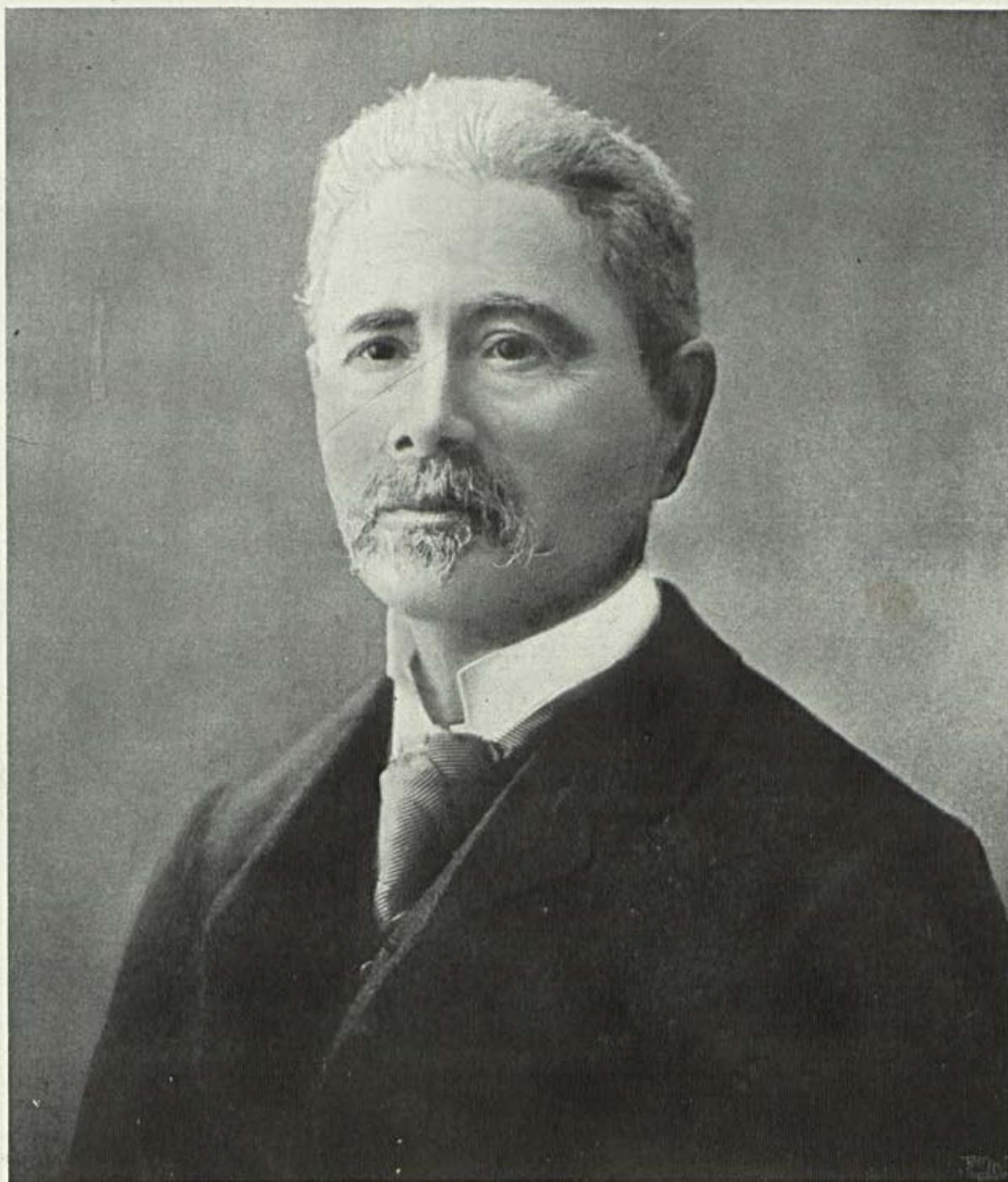
# BRASIL-PORTUGAL

DIRECTOR — Augusto do Castilho.  
PROPRIETARIOS — Victor & Lorjô.  
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.  
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — «A Editora», L. do Cais do Barão, 50; — Lisboa.

16 DE OUTUBRO DE 1910

N.º 282

## Republica Portuguesa



**Dr. Theophilo Braga**  
*Presidente do governo provisório*

# Republica Portugueza

## OS MEMBROS DO GOVERNO PROVISORIO



**Dr. Affonso Costa**  
*Ministro da justiça*



**Dr. Antonio José de Almeida**  
*Ministro do interior*



**Dr. Bernardino Machado**  
*Ministro dos negocios estrangeiros*



**Antonio Luiz Gomes**  
*Ministro do fomento*



**Coronel Barreto**  
*Ministro da guerra*



**Azevedo Gomes**  
*Ministro da marinha*



**José Relvas**  
*Ministro das finanças*

# Republica Portugueza

# O governo provisório

**C**reou-se entre este e o ultimo numero da nossa Illustração uma patria nova. Do Portugal de nove seculos fizeram os revolucionarios triumphantes o *jovem Portugal*. Assim, com processos diversos e sob outras fórmas politicas, se fez no oriente a *jovem Turquia* e ao sul da Europa a *jovem Italia*.

Não tem, nunca teve politica de facções ou de partidos o *Brasil-Portugal*. Disse-o ha doze annos no seu programma, cumpriu-o invariavelmente no curso da sua existencia, repete-o hoje, sem alteração de uma virgula. A politica nacional é a sua unica politica. Aquella que desejamos que vingue, que estamos promptos a seguir

**Doutor Theophilo Braga**

*Presidente*

O grande escriptor estava naturalmente indicado para assumir a mais alta magistratura no regimen nascente. A fama da sua vasta erudição e da sua honestidade pessoal, e ainda a circumstancia de estar á frente do directorio do partido republicano, por tal fórma o recommendavam para a presidencia do governo provisório, que o



**Republica Portugueza**

**Dr. Euzebio Leão**

*Governador civil do districto de Lisboa*



**Republica Portugueza**

**General Antonio do Carvalho da Silveira Telles de Carvalho**

*Commandante da 1.ª divisão militar*

e a defender, por todas as fórmas de que dispõe a arte, a litteratura e a critica, é aquella que tenha por unico objectivo: a Patria.

Doze dias apenas nos separam do historico dia 5 de outubro, mas estes bastam para nos indicar toda a orientação do governo constituido, que se alicerça e fixa n'estas duas bases capitaes: Ordem, Tolerancia. Ordem no progresso, que era a divisa suprema de Gambetta, tolerancia para os vencidos, que é a primeira entre as qualidades gloriosas dos vencedores. A orientação dos que governam tem até agora correspondido a indole admiravel do povo portuguez, dando-se o caso unico na historia de todos os paizes: consolidar-se em dias uma instituição nova sem sobresaltos, sem excessos populares, que de uso resultavam em assaltos, em saques, em assassinatos, em represalias, em anarchia.

N'estas condições uma esperança invade os corações d'onde tinham desertado todas as esperanças de redempção da patria. Os governos da monarchia, sobretudo desde a morte do rei até á morte do regimen, pareciam apostados, n'um lastimavel conflicto de ambições, de vaidades, de intrigas, de odios, e de mesquinhos interesses, n'uma lucta sem treguas, sem honra e sem nobreza, em cavar a ruina da nação, que em mais ditosas épocas se engrandecera pelas virtudes, pelos heroismos, pela abnegação dos seus filhos dilectos. O dia 5 é grande e memoravel porque foi por assim dizer o dynamometro onde se experimentou o pulso da raça portugueza: a mesma alma épica de Aljubarrota, de Montes Claros, das guerras da Peninsula. E a consolação de que setenta annos de inercia e de frouxidão, não affrouxaram os musculos, nem arrefeceram a alma nacional, compensa de todos os desanimos havidos e de todos os dissabores experimentados.

Portanto, se a Republica, que traz sangue novo, ideias novas, traz, como parece, processos honestos, se a Republica conseguir redimir a Patria, bem vinda seja a Republica.

seu nome bastou para garantia de lealdade, de superioridade, de competencia.

**Doutor Antonio José d'Almeida**

*Ministro do interior*

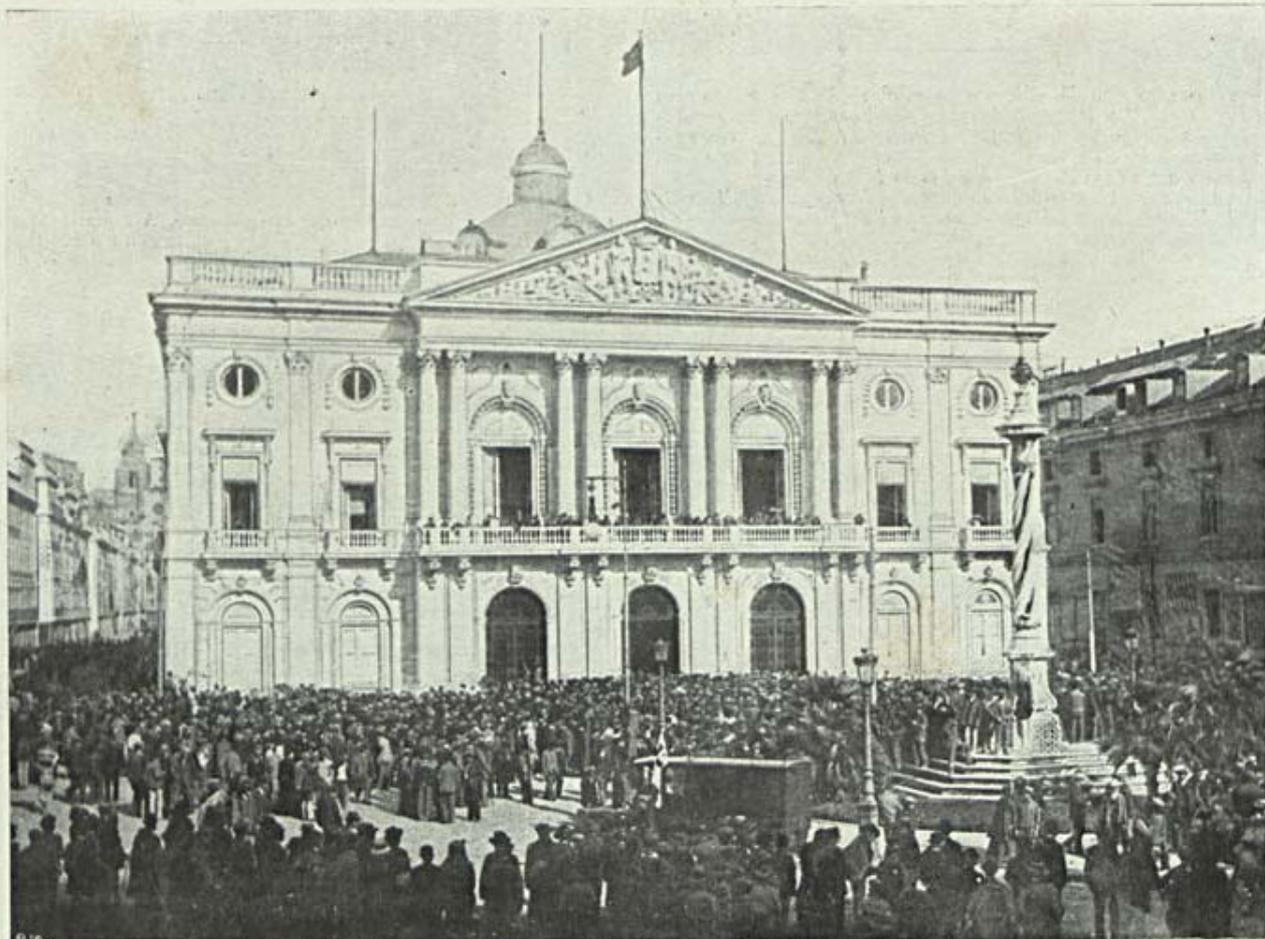
Era o orador da Republica, prestigioso, arrebatador, suggestivo. Com a sua palavra quente, impetuosa, dominava as multidões. Medico, queriam-lhe os pobres como a um pae, e no maior ardor das refregas, nunca deixou de prestar desinteressados serviços clinicos a quem lh'os reclamava. Em S. Thomé deixou um nome sempre recordado com saudade.

**Doutor Affonso Costa**

*Ministro da justiça*

Sobre isto não havia discrepancias: em pleno regimen monarchico o primeiro parlamentar da camara era elle. Jurisconsulto abalisado, antigo professor da Universidade, a sua sciencia de direito serve-lhe á maravilha para a administração dos negocios politicos. Orador de polpa, vence e convence pela força dos argumentos, pela solidez dos raciocinios. De uma actividade prodigiosa, tornava-se, pela reunião de tantas facultades, um elemento indispensavel na formação do primeiro governo republicano.

## Revolução republicana em Lisboa



Na Camara Municipal. — A proclamação da republica

### José Relvas

*Ministro das fnaças*

Filho de um dos homens mais distinctos e illustres que teve a sociedade portugueza herdou de seu pae a qualidade n'elle predominante: o amor da arte. A sua residencia, a par da riqueza que ostenta, revela um gosto *raffiné*, um conhecimento profundo das artes decorativas, e um culto religioso pela arte do passado. Economista, agricultor, caracter sem mancha, de uma educação esmerada, o novo ministro das fnaças é, sem duvida, uma das forças em que se baseia a nova instituição.

### Correia Barreto

*Ministro da guerra*

E' um militar illustrado, de ha muito conhecido pelo seu espirito inventivo. Auctor da *Polvora Barreto* — polvora sem fumo — este descobrimento notabilizou-lhe o nome. Coronel de artilharia, versado em assumptos militares, sobretudo os da sua arma, tinha entre os seus camaradas grande prestigio.

### Azevedo Gomes

*Ministro da marinha*

Quem escreve estas linhas foi condiscipulo, no Lyceu de Lisboa, d'aquelle que está hoje á frente dos negocios da marinha e do ultramar. Viu-o seguir sempre pela vida adiante com hombridade, com singeleza, com rectidão, sem nunca desmentir o valor nos primeiros annos revelado. Capitão de mar e guerra, tendo exercido importantes commissões de serviço, foi escolhido pela lealdade com que sempre defendeu a sua causa, para assumir a pasta da marinha.



### Revolução republicana em Lisboa

*Fallando ao povo — O sr. José Relvas na varanda da Camara Municipal de Lisboa proclamando a republica e declarando abolida a monarchia*

(Clichs de J. Benoitte).



#### Revolução republicana em Lisboa

*Algumas das pessoas que estavam na Camara Municipal por occasião da proclamação da republica e entre ellas Marinha de Campos, José Barbosa, dr. Eusebio Leão, José Relvas, Malva do Valle e Innocencio Camacho*

#### Doutor Bernardino Machado

*Ministro dos estrangeiros*

E' dos actuaes membros do governo o unico que foi ministro no regimen extincto. D'elle se divorciou por discordar em absoluto dos processos da monarchia, e d'ahi em deante foi dos mais intrepidos, dos mais bravos, dos mais incançaveis batalhadores da Republica. Lente de philosophia da Universidade, deixou por uma imposição da honra pessoal esse cargo honroso e todos os proventos que d'elle resultavam. Publicista, orador moderno, de uma educação primorosa, é uma das figuras de destaque da Republica Portugueza.

#### Doutor Antonio Luiz Gomes

*Ministro das obras publicas*

Quatro doutores de capello conta o governo provisorio. Um d'elles é o actual ministro das obras publicas, que, a pertencer ao corpo docente da Universidade, preferiu o estudo theorico das questões financeiras, e até o pratico, porque muito moço foi ao Brasil, Rio Grande do Sul, onde seu irmão era negociante, e com elle trabalhou e adquiriu relativa independencia. Este facto basta para demonstrar a energia da vontade. O doutor Antonio Luiz Gomes tem na pasta que dirige materia vasta em que pode fazer realçar as suas faculdades.



*(Cliché de J. Benoit).*

#### Revolução republicana em Lisboa

*O povo aclamando a republica de frente do Quartel General na manhã de 5*



**Henrique de Paiva Couceiro**  
*O heroico commandante da bateria de Queluz*



**Revolução republicana em Lisboa**  
*Tropas fieis á monarchia — O coronel de cavallaria n.º 4 com o seu estado maior, na tarde de 4, no Rocio*

## Cruzeiros no Kinga

**N**ome de bem poucos conhecido; rio que nem os roteiros mencionam: o Kinga.

No entanto, quem, navegando no canal de Moçambique, der vista das avermelhadas ribas do Sangage e seguir na volta do norte umas boas 6 milhas, poderá descobrir o estreito canalsinho, a cortar o debrum arenoso da beira-mar, onde as alvas rebentações se vão quebrar.

Estreito e pouco profundo na entrada, logo se vai perdendo pelos dedalos do mangal, volteando entre tufos inextricaveis de ramarias verdes, que espi-



**Revolução republicana em Lisboa**  
*Tropas fieis á monarchia — Caçadores n.º 5, no Rocio, com uma metralhadora*

nheiros, casuarinas e mangueiras copadas debruçam sobre as suas aguas.

Mas, por isso mesmo e porque arredadas demoravam as primeiras sombras d'auctoridade portugueza, o Kinga era ninho predilecto de negreiros, que, para d'elle afastar a navegação costeira, lá tem o vizinho *Bar-scouta*, o temeroso baixo, que a muitas naus de viagem da carreira das Indias serviu de sepultura.

No dia 12 de fevereiro de 1868, costeando de perto o littoral, entre a terra e as ilhas de Angoche, navegavam de conserva, para o norte, a canhoneira *Zaire* e o pequeno vapor *Auxiliar*, da armada real.

Reinava, ainda então, no ca-



(Clichés de J. Benoitel).

**Revolução republicana em Lisboa**  
*Tropas fieis á monarchia — Guarda municipal junto ao antigo theatro de D. Maria II*

nal a monção de nordeste, succedendo-se bonançosos os terraes e virações do mar.

Findo o cruzeiro ao sul e a visita aos aparcellados rios em que a beira-mar ali se recorta, vinham agora demandar o Kinga, onde houvera denuncia de se acotitar embarcação suspeita.

A *Zaire* era então um navio novo e de boa marcha, que, no garboso porte dos seus homens e afinação esmerada do arvoredo e casco, bem mostrava ter cavalleiro de fama. Commandava-a o capitão-tenente Vianna.

O *Auxiliar*, o *glorioso veterano*, como lhe chamou Antonio Ennes, já por esse tempo arrastava a custo as suas 120 toneladas e uns bons 20 annos de vida; vida tragica, vida de triumphos, em que muitos officiaes crearam nome e saber.

Triumphos, ora das arremettidas traiçoeiras do Canal, ora das temerosas arrebentações, no rolo de alguma vaga gigante a florear espumas e areias do fundo, na entrada, por cima de toda a folha, de quanto riacho, de quanta enseada borda aquella costa.

Terror da negraria, poude contar muitas refregas, de que se sahio sempre com gloria, é certo, mas não sem mossas.

Era então seu commandante o 2.º tenente Silva Ribeiro, unico official a bordo, além do machinista.

Pelas 5 horas da tarde, contornando mais de perto o littoral, onde se alinham palmeiras, em renques interminaveis e parallelos, deu enfim com o Kinga a pequena divisão, mas não facilmente. Porque, se é sempre difficil descobri-lo, agora, ao entardecer, a luz diffusa do sol poente projectava sobre o areal vasta sombra de arvoredos e montes sobranceiros e n'essa sombra se perdia o rio.

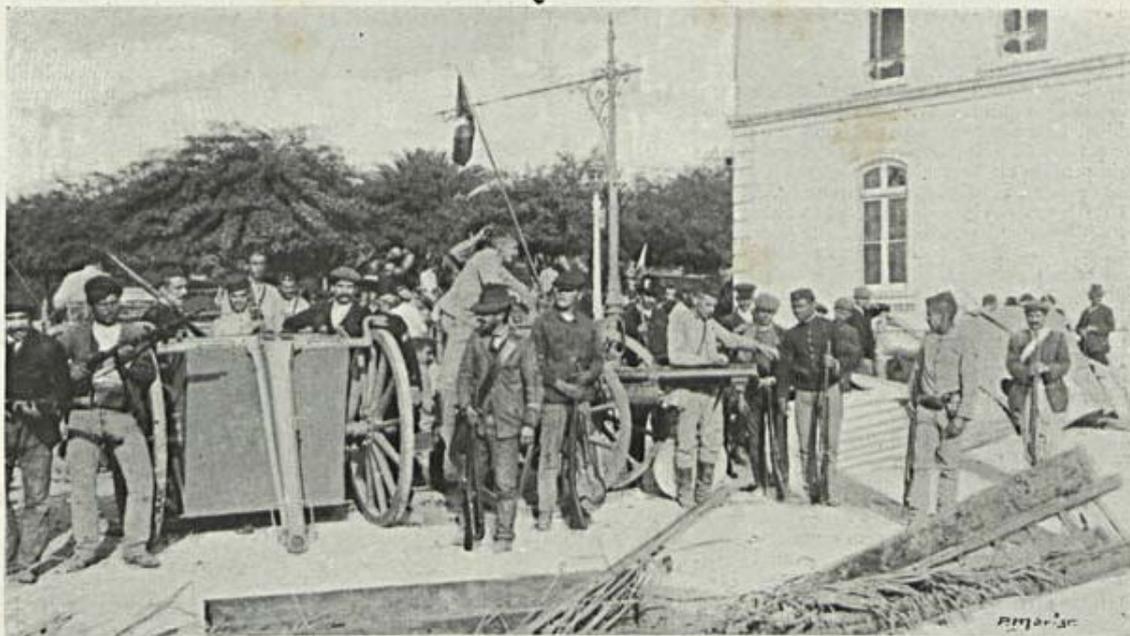
O homem do prumo cantára as 8, as 7 e logo as 6 braças, fundo



Antonio Maria de Azevedo Machado Santos  
*O heroe da revolução*



Revolução republicana em Lisboa. — Forças revolucionarias na Rotunda da Avenida  
(Cliché de A. C. Lima). *Uma metralhadora apontada para a Avenida Fontes Pereira de Mello*



(Cliché de J. Benolle).

Revolução republicana em Lisboa. — Artilharia n.º 1 no acampamento da Rotunda



Revolução republicana em Lisboa. — O acampamento da Rotunda, visto da Avenida

de areia. E por mais não esperaram as ancoras, tombando n'agua a espadanar salseiros. Mas logo indigenas armados se mostraram em grupos pela praia, em decidido tom de guerra.

Não restava duvida: estava ali pangaio negreiro — que agora não sahiria senão depois de apresado e de ensinados os insolentes. E para isso se aprestou logo o *Auxiliar*. Recebeu armas, cartuchos, metralhadoras, marinheiros e um tenente; mas, enquanto o naviosinho assim se vestia com os aprestos de guerreiro, o rodizio da *Zaire* não cessou de rouquejar. As granadas lá iam; mas perdiam-se nas dunas, fazendo redemoinhar nuvens de areia. E os atrevidos *macuas*, com as suas alvas vestes, á moda arabe, sumiam-se a cada tiro, para logo se mostrarem, com ar de zombaria, mais divertidos que amedrontados.

A madrugada do dia 15 sur-gira limpida e serena; o brando terral, repassado de aromas acres dos mangaes, deixava o mar sem rugas e calmoso. Em terra tudo silencio; a praia deserta.

E logo que o sol se ergueu illuminando a sertaneja paisagem, vagarosamente se moveu e se encaminhou para a barra o valente vaporzinho.

A bordo tudo a postos, na ancia de descobrir o pangaio e já sonhando em quebrar forquilha e correntes dos miseros escravos. Armas aperradas, metralhadoras prenhes de cartuchos, binoculos assestados, prumo na mão: 3 braças, 2 braças, braça e meia...

Já ficavam pela pópa as restingas da entrada e ousadamente o *Auxiliar* caminhou rio dentro. Mas, tanto que 100 metros foram percorridos, faltou a agua rapidamente e o navio ficou preso: preso dos lodos e com um rombo no fundo, rasgado pela propria ancora, por onde o mar lesto repuxou, invadindo paioes, munições e mantimentos. E logo uma saraivada de balas enviada dos matagaes bateu em cheio no costado do impavido prisioneiro, que promptamente foi agradecida de bordo; mas umas apos outras as descargas se seguiram.

Longas e amarguradas horas foram essas, em que, sob um sol de fogo, se procurou vedar o rombo, que, afinal pela tarde, de novo se abriu, logo que apontou impetuosa a invasora enchente e de novo o navio se inundou.

Durava havia muito a faina, mas era preciso safar de vez o navio e livral-o d'aquelles velhacos, que, na frequencia das descargas e na insolencia com que vinham, quasi a pé enxuto, até á borda, bem mostravam que o tinham já agora por presa certa.

Viera a noite, e nas suas trevas aterradoras tudo se confundiu: a terra, o mar, as sombras das arvores e o naviosinho.

Poude então ver-se um espectáculo sem igual. A luz vacillante de lanternas que a aragem mal deixava accesas, ao clarão azulado de labaredas que se erguiam de uma forja, tres homens, ora em volta d'ella, ora junto ao rombo, atolados no lameiro do leite descoberto, cortavam, forjavam e batiam. E, tão serenos como n'uma officina, tão tranquillamente, como se o tempo lhes sobrasse, absortos na faina, entregues ao seu dever, nem

sequer sentiram que a enchente já lhes marinava os corpos; nem ao menos se apercebiam de que, por sobre as suas cabeças, rugiam canhões, metralhando as trevas e de que em volta d'elles, n'um circulo cada vez mais estreito, centenaes de negros, ora rojando-se pela lama, ora dissimulando-se nos meandros do arvoredo, vinham desfechar as escopetas sobre o costado inerte e descoberto, apontando de preferencia sobre elles que ali estavam, sem armas, a peito descoberto e privados do prazer de combater.

Quando pela madrugada o navio fluctuou emfim e se perderam nas serras os eccos das ultimas descargas — porque os negros tambem cançaram —; quando, após 20 horas de amargurados receios, não pela vida, mas pelo successo do empreendimento, os fatigados corpos puderam emfim procurar repouso, alguém a bordo recordou que se estava em quarta feira de cinzas!

Na verdade, bem mal tinha sido festejada a terça feira de carnaval!

Mais tarde, sahira a corveta *Mindello* de Moçambique para o sul; e, após um fatigante cruzeiro, veio encontrar-se, agua aberta com o *Kinga*, onde fundeou para vigiar o esconde-rijo.

Mas agora a monção do sul fazia rolar desabridamente a corveta, aos empuxões da levadia, que ia quebrar-se na praia em duas linhas de fragorosas rebentações.

Assim se passaram alguns dias, em sacudidelas sem treguas, que mais vinham agravar a monotonia do cruzeiro, roubando a todos o somno e o repouso, sem que fosse possivel pensar-se em mandar es-



Revolução republicana em Lisboa  
[O acampamento da Rotunda — Carregando uma peça



Revolução republicana em Lisboa. — No acampamento — Machaao Santos e os seus ajudantes alferes Cabrita e tenente Azevedo

(Clichés do A. C. Lima).

caleres ao Kinga. Mas, ao menos, não sahiriam os negreiros, se lá estivessem acoitados.

Uma bella manhã, porém, a vigia deu parte de *embarcação á vista*. E effectivamente lá vinha surgindo o quer que fosse, destacan-



**Revolução republicana em Lisboa**

(Cliché de A. C. Lima). *Um batalhão de populares*

do-se, como um ponto negro, ora sumindo-se, ora erguendo-se, por um segundo, nas cristas da vaga, avançando sempre aos zig-zags; até que mais de perto se poudo reconhecer que era uma leve piroga, tão pequena como um esquite, trazida, com a velocidade de uma sétta, ás pagaiadas, por um espadado e vigoroso negro.

Quem era e a que vinha o destemido visitante? Muito resolute se amarrou á borda e entrou pelo portaló dentro; elle e um gallo. E que bello gallo!

O homem vinha a negocio! Mas de pangaiois que estivessem no rio nada sabia.

Viu o navio, viu a machina, viu as camaras, mais amedrontado do que curioso, e elle que se mostrava marinheiro intrepido, trazendo o barquinho por sobre as oudas com pericia incomparavel, cahia no convés da corveta a cada balanço, rolaya pelas escadas, agarrava-se pelo chão. Mas comeu e enfardelou muita bolacha; recebeu dinheiro, valor de muitos gallos e bebeu. E depois de beber, falou; e tanto falou que veiu a contar a historia de um pangaio que, havia pouco, entrara ali no Kinga, e que lá estava, com muita gente dentro, promptinho, esperando apenas, para se escapulir, que viesse o bom tempo e que a corveta se safasse.

A todos de bordo alegrou a visita: a todos, menos ao commissario. Pois se o homem do gallo quasi lhe trouxe a morte! E que morte: morte com arma de fogo que era a unica que elle temia!

Fôra o caso que, estando alguém a explicar ao negro o funciona-



**Revolução republicana em Lisboa**

*No Rocio — Um automovel com revolucionarios*

(Cliché de J. Benolle).

mento de uma arma, esta se disparou e o prudente commissario, que se recolhera logo que a explicação começou, viu passar a um palmo da cabeça uma bala que, depois de lhe atravessar o camarote, por pouco não vae ainda matar o medico de bordo.

No dia seguinte, por bom acaso, espelhou-se o mar e logo escaleres, armados em guerra, metteram-se audazes pelo Kinga.

De bordo, os olhos seguiam-lhes ansiosamente os movimentos e espreitavam o areal e os arvoredos. E pôde bem imaginar-se como foram angustiosas e longas as longas horas que decorreram desde

que os escaleres se perderam nas primeiras dobras do mangal, até que, pela tarde, de voga arrancada, surdiram incolumes.

Um pangaio lá estava effectivamente, mas com o cavername em chammas, occulto n'um berço de lodo e mangal, queimado pelos proprios negreiros, depois de lhe tirarem o cobre e os pregos para servirem n'outro pangaio. Mas d'elles e do homem do gallo nem sombra.

Quando no dia seguinte, de manhã, a corveta entrou em Moçambique, no primeiro escaler que aferrou á terra, uma ordenança foi levar ao chefe da estação um officio e um volumoso embrulho de



**Revolução republicana em Lisboa**

*Como ficou um predio da Avenida em virtude do incendio*

(Cliché de J. Benolle). *produzido por uma granada*

fôrma circular. Era o relatorio do cruzeiro e a roda do leme do pangaio do Kinga, que por muitos annos figurou depois na residencia da divisão como trophéu glorioso e humanitario.

Outros navios da armada real foram mais tarde ao Kinga.

A *Quanza*, a *Liberal*, a *Chaimite* e o *Neves Ferreira* muitas vezes lhe vigiaram a barra. E Mousinho de Albuquerque não perdeu nunca de vista o já celebre valhaacouto.

Mas, em um dia de fevereiro que passou, nas proximidades da lua nova, quem estivesse no Kinga, ao alvorecer da madrugada, poderia ter visto, caminhando cautelosos e cosidos com a terra, tres alterosos pangaiois, de velas descommunes. Na pópa um farrapo vermelho: o pavilhão da moirama; mas de subito viraram em roda e fi-



**Revolução republicana em Lisboa**

*Estragos produzidos exteriormente no Paço das Necessidades*

(Cliché de J. Benolle).

zeram-se na volta do mar, quando iam puxando para a barra; já as compridas fateixas se baloiçavam na proa, prestes a aferrar nos lodos do rio, e sobre a ondulação alterosa do banco as acastelladas pópas começavam a arfar longamente.

E' que n'essa terra que os negreiros consideravam sua, n'esse

civil onde impunemente, desde seculos, elles exerceram o seu nefando commercio, erguia-se já então altiva a bandeira das quinas portuguezas sobre uma palhota que outr'ora servira talvez para empilhar escravos. E foi essa bandeira azul e branca, glorioso padrão desfraldado ao vento, cujas côres mais se avivavam ali sobre os massiços do agreste arvoredo, que poz em fuga os pangaiois negreiros.

Fugiram e nunca mais voltaram, e os cruzeiros no Kinga acabaram.

LEOTTE DO REGO.

## A lingua

Bom conselho era o teu, mas vem já tarde,  
Que está o mundo tal, que não melhora,  
Folgo de ver na lingua algum covarde.

D'isso se queixa o sengo, e d'isso chora,  
Todos de alheios erros fazem praça,  
E os dos seus calando-os ficam-lhe a defóra.

Cuidam que o dizer mal lhes cae em graça,  
Passe a noite, o dia, o mez e o anno,  
Não ha quem de fallar os satisfaça.

Cortam largo vestir de pouco panno,  
Nenhuma falta propria os envergonha,  
Que a peçonha a si propria não faz damno.

Dizes bem, que mór mal? que mór peçonha  
Que a lingua descomposta, vil, maligna,  
Que das vidas alheias tracta e sonha,

Todo o mal busca, nenhum mal se inclina,  
Mata ao mais escondido, e mais seguro,  
E' grossa á vista, mas no corte é fina.

Bem viu a natureza o mal futuro,  
Poz-lhe os beiços diante, e poz-lhe os dentes,  
Duas portas cerradas e o seu muro.

Deu-nos os mais sentidos diferentes,  
Os braços, mãos, os pés, olhos e ouvidos,  
Para poder obrar mais diligentes,



Revolução republicana em Lisboa

*O cruzador S. Raphael, um dos navios que bombardearam o Paço das Necessidades*

Mas uma lingua só entre os sentidos,  
E' esta a medida nossa, a mais pequena,  
Que deu aos animaes cá conhecidos.

A lagarta, a ferrugem come o trigo,  
E cada fruto que produz a terra,  
Tambem cria entre si outro inimigo.

A lingua é como a lança, e nenhum erro,  
Que nasceu d'entre nós, e á similhaça,  
Se fizeram as lanças para a guerra.

Quem lhe pode fugir, se a tudo alcança?  
E mais ao longe fere, e ao direito,  
Do que setta, arcabuz, espada e lança.

Quanto damno nos faz! quanto tem feito?  
Nos montes, nas aldeias, nos logares,  
Seu interesse, gosto, e sem respeito?

(Seculos XVI-XVII)

F. RODRIGUES LOBO.



Revolução republicana em Lisboa. — O «yacht» Amelia que conduziu ao exilio a familia real portugueza

## Dr. Miguel Bombarda

Com muita magua inserimos n'esta pagina o retrato do dr. Bombarda, que honrara com artigos seus, a redacção do *Brasil-Portugal*, onde contava amigos devotados e admiradores sinceros. Quem estas linhas escreve privou de perto com o infeliz assassi-



Dr. Miguel Bombarda  
(† a 3 de outubro de 1910)

## Vice-Almirante Carlos Candido dos Reis

Paira um mysterio sobre a morte d'este official de marinha, um dos mais salientes organizadores da revolta na madrugada de 4, encontrado em Arroyos pelos populares. E' opinião corrente que o malogrado militar se suicidou quando, faltando-lhe elementos valiosos



Vice-almirante Carlos Candido dos Reis  
(† a 4 de outubro de 1910)

nado e teve ensejo de apreciar o que havia de probidade e de bondade inexgotavel na sua alma, a par de uma lhaneza pouco vulgar. O revólver de um allucinado roubou á sciencia um dos seus mais bellos ornamentos, ao paiz um dos homens que mais serviços tem prestado como clinico, como organisador methodico, como propagandista do nome portuguez, o que bem evidenciou por occasião do congresso de medicina de 1906.

Contava o morto illustre, que ha pouco tempo se filiara no partido republicano, 59 annos. Nasceu no Rio de Janeiro em 6 de março de 1851 e veiu com seu pae para Portugal aos 7 annos. Aqui optou pela nacionalidade portugueza: tinha então 19 annos. Em 1877 terminou o curso de medicina pela Escola de Lisboa. Era medico do hospital de S. José desde 1879. Em 92 foi nomeado director do hospital de Rilhafolles, cujos serviços hospitalares melhorou consideravelmente. Era, ha 27 annos, director da *Medicina Contemporanea*, em que publicou notabilissimos artigos, sobretudo sobre psychiatria.

Era medico do Laboratorio de Hygiene de Lisboa, delegado da Escola Medica ao Conselho Superior de Hygiene, membro do conselho medico legal de Lisboa, secretario da Liga Nacional Contra a Tuberculose, presidente da commissão dos interesses genes da Associação dos Medicos Portuguezes e tinha a grã cruz de S. Thiago, que lhe foi conferida por occasião do Congresso de Medicina de Lisboa.

O dr. Miguel Bombarda foi assassinado pelo tenente de estado-maior, Appario Rebello Santos, filho de um proprietario no Rio de Janeiro, que tendo dado em tempo indícios de alienação mental, foi recolhido, ha poucos mezes a Rilhafolles, de onde saiu 60 dias depois a pedido, parece, do pae, que o levou ao estrangeiro para consulta a medicos celebres.

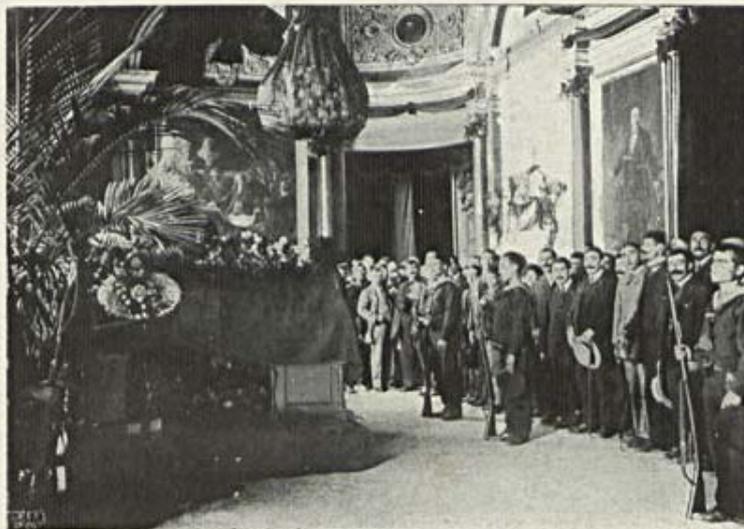
O *Brasil-Portugal* envia á consternada familia do illustre finado a expressão da sua magua.

com que contava, julgou completamente perdida a causa da revolução.

O vice-almirante Candido dos Reis contava pouco mais de 58 annos, pois que nasceu em 16 de janeiro de 1852. Assentando praça aos 17 annos, foi promovido a guarda-marinha em outubro de 1870, a 2.º tenente em outubro do anno seguinte, a 1.º tenente em julho de 1871, a capitão-tenente em dezembro de 92, e a capitão de mar e guerra em dezembro de 1901. Em 9 de julho do anno passado foi reformado no posto de vice-almirante. Era commendador de Aviz e da Torre e Espada, e foi commandante das canhoneiras *Bengo* e *Quanza*, da Escola d'Alunos Marinheiros do Porto, da Escola de Torpedos Fixos e da 2.ª e da 4.ª divisão do corpo de marinheiros. Foi tambem instructor da Escola Pratica de Artilharia Naval e encarregado de leccionar a aula professional da mesma escola, vogal das commissões de aperfeiçoamento de artilharia naval, etc.

Muito considerado pelo seu merito, pela sua prudencia e pela sua bravura, teve a seu cargo a execução do plano de antemão preparado, mas que não logrou ver realizado. Candido dos Reis, ou victima de um crime, ou victima de uma allucinação de momento, expirou quando nas ruas da cidade soavam as primeiras descargas dos revoltosos. Durma em paz o valente caudillo que preferiu a morte á derrota que teria julgado imminente.

### Funeraes do dr. Miguel Bombarda e do vice-almirante Carlos Candido dos Reis



Na Camara Municipal de Lisboa

(Cliché de A. C. Lima).

A camara ardente

### CANTARES

Eu não sei que mais comova  
um coração desgraçado:  
se perder um grande amor,  
se nunca o ter encontrado.

Tristezas, quando a cantal-as  
me ponho para as calar,  
deixo as cantigas em meio  
e acabo sempre a chorar.

Maria Salgueiro.

# A PORTUGUEZA

Hymno republicano portuguez

Musica de Alfredo Keil

Marcha

Poesia de Lopes de Mendonça

Marchal

Heroes do mar, no - - - br  
po - - os. Nação va - len - te im - mor - tal, Le - van - ta - e ho - je de no - vo o es - plen -  
dor de Por - tu - gal! . . . . En - tre as br - umas da me - mo - ria, Oh pa - tria, sen - te - se a  
voz dos teus o - gre - jos a - vos. Luz fa - de - guiar - te á vic - to - ria.  
A - - mas, as ar - mas! so - bre a ter - ra, so - bre o mar. A - - mas as  
ar - - mas! so - bre a pa - tria lu - ctar! Con - tra os can -hões mar - char! . . . .

I

Heroes do mar, nobre povo,  
Nação valente, immortal,  
Levanta hoje de novo  
O esplendor de Portugal!  
Entre as brumas da memoria,  
Oh patria, sente-se a voz  
Dos teus egeijos avós  
Que ha de guiar-te á victoria!

A's armas! sobre a terra, sobre o mar,  
Pela patria lutar!  
Contra os canhões marchar!

II

Destralda a invicta bandeira  
A' luz viva do teu ceu,  
Brade a Europa á terra inteira:  
Portugal não pereceu!  
Beija o solo teu jueundo  
O oceano, a rugir d'amor:  
E o teu braço vencedor  
Deu mundos novos ao mundo!

A's armas! sobre a terra, sobre o mar  
Pela patria lutar!  
Contra os canhões marchar!

III

Saudae o sol que desponta  
Sobre um ridente porvir:  
Seja o echo d'uma affronta  
O signal do resurgir.  
Raios d'essa aurora forte  
São como os beijos de mãe,  
Que nos guardam, nos sustem  
Contra as injurias da sorte.

A's armas! sobre a terra, sobre o mar,  
Pela patria lutar!  
Contra os canhões marchar!



Alfredo Keil

Auctor do hymno «A Portuguesa», consagrado pela republica como hymno nacional

## A força das theorias

**N**o seu estudo elegantemente feminino, Tecla pintava uma formosa cabeça de creança, não resistindo de quando em quando a dar um beijo no gentil modelo. A pouca distancia do cavalete a velha viscondessa de Monsós folheava uma revista estrangeira lançando a espaços, por cima dos olhos, um olhar complacente ao retrato da neta que pela sua quietação, tão rara em creanças, causava grande pasmo à joven pintora.

— Por hoje basta, disse Tecla pousando a paleta e os pinceis. Já deves estar cansada. Se a Avó permite, vaes até ao jardim. E, offerecendo-lhe um saco de *bonbons*, abriu-lhe a porta, logo que a viscondessa esboçou um gesto de acquiescencia. Depois veio sentar-se em frente da velha senhora e perguntou familiarmente:

— Que está lendo?

— Não tenho lido nada. Pensava. A revista era um fingimento de distracção para que não se occupassem de mim e estivessem mais à vontade.

— Vi-a tão attenta que julguei...

— As apparencias illudem. Olhe, Tecla, vou-lhe dizer em que occupava o pensamento e verá que nem só o passado prende os olhos dos velhos: ás vezes o futuro tambem os entretem.

— E' natural. A imaginação humana não se conforma nem accieita a ideia do nada, mesmo... que elle seja fatal.

A viscondessa sorriu com tristeza e tocando levemente a face da sua gentil interlocutora com a ponta do leque, disse:

— Mudemos de conversa, Tecla; não a seguirei por essa vereda. Os velhos precisam de Deus mais do que os outros, e como se não deve tirar a um doente, por grave que seja o seu estado, a ideia da cura, tambem aos que estão pela idade ás portas da morte se não deve retirar a esperanza d'uma vida melhor.

Tecla ruborizou-se e acudiu apressada:

— Mas, senhora viscondessa, eu não tentava...

— Bem sei, bem sei. O meu intento era apenas dizer-lhe que, felizmente para a minha velhice, as creanças que bebi com o leite ainda cá estão, e que no fim de todas as philosophias e certezas não deixei nunca de ver brilhar o eterno ponto de interrogação. Mas já nos desviamos do assumpto: Sabe em que eu pensava?

— V. Ex.<sup>a</sup> ainda o não disse...

— Na razão porque a Tecla rejeitou o pedido de casamento do Vasco. Meu sobrinho não é positivamente um bello homem, mas tem excellente caracter, um grande talento e ama-a de todo o coração. A sua recusa causou-lhe vivo desgosto.

— Passará depressa.

— Julga?

— Tenho a certeza.

— Não me diz porque o não ama?

— Eu não disse que o não amava: disse que me não queria casar.

— Mas porquê?

— E' um pouco longo de contar e muito intimo; porém a senhora viscondessa não posso recusar a verdade.

Como mulher experiente a illustre titular ageitou-se commodamente na cadeira e fixou os olhos garços e vivos no rosto intelligente da pintora, disposta a não lhe perder a mais leve expressão.

— Conhece-me de pequena e sabe perfeitamente que pouco tempo tive mãe. Morta ella meu pae tornou a casar com uma senhora muito doente que succumbiu em breves mezes aos desgostos que, mais forte, minha mãe supportara durante annos. Casou ainda terceira vez meu pae e ainda a infeliz creatura a que elle se ligou pagou com a vida o seu mal empregado amor.

Amei muito minha mãe, estimei sinceramente as duas pobres mulheres que vi morrer. A impressão penosa d'estas vidas de agonia tornou-me precocemente observadora. Olhei em roda... e que vi? A mulher destinada a soffrer, o homem a gozar. Muitas amigas minhas casaram por amor e a breve trecho a indifferença entrou no seu lar: seguiu-a a desharmonia, a separação ou talvez a paz armada, a tolerancia mutua pela indissolubilidade do matrimonio... feliz, feliz, não vi ninguém. Não nego que os haja, é natural que sim, mas eu não os conheço. Analysei então, procurei as causas... Julguei tê-las encontrado, e sentindo-me fraca, impotente, para luctar com ellas, resolvi ficar solteira.

A viscondessa abanou a cabeça com ar de reprovação e murmurou:

— E' porque não conhece o amor, Tecla, é porque nunca o sentiu.

— Engana-se, minha senhora, amo Vasco até á loucura e é por isso que o rejeito.

— Não comprehendo.

— E' facilimo. Embora se não diga, está admittida pelo uso a infidelidade do homem. Quando muito apaixonado só naufraga depois d'um anno de casado; se farto de conhecer a vida, foi cauteloso e previdente, a mulher nunca teve nem terá perto de si um amigo sincero: tem um socio que a engana sem escrupulo desde o primeiro dia; se foi sincero, a breve trecho ella nota que a amizade substituiu o amor, etc., etc. Isso não me serve. Eu entendo que a mentira é inimiga da paz e do amor. Eu não poderia amar quem me trahisse. Tenho uma unica aspiração: não ser infeliz. Contento-me por isso com pouco. O que sei em theoria da vida deu-me o horror de viver; prefiro vegetar.

— Mas... se Vasco fôsse uma excepção...?

— Não ha excepções. Demais tudo convida os homens á loucura... o vicio tenta-os a todas as esquinas... os companheiros mesmo, quando os não arrastam, dão-lhes os piores exemplos. Emfim, minha querida amiga, a mulher só é mulher quando a namoram; depois... é tudo que convem que seja. Nunca me resignarei a esse papel.

Com olhar infinitamente travesso a viscondessa de Monsós, dando á voz uma expressão de magua, lamentou:

— Está então a minha querida Tecla destinada a ignorar as doçuras da maternidade?

— De modo algum. Não ha tantas creanças sem mãe? Logo que as minhas finanças o permitam adoptarei uma e, se essa maternidade me agradar, alarga-la-hei até aos limites dos meus rendimentos.

— Cré que nunca terá pena de ter fechado o seu coração ao amor?

— Mas eu não tenciono fecha-lo, nem posso. Contento-me de o governar.

— E está certa de que elle lhe obedecerá?

— Não tem outro remedio.

Durante esta longa conversa a viscondessa lançava de quando em quando uma vista furtiva ao biombo que envolvia a entrada do atelier, mas Tecla, de cabeça baixa para evitar que o olhar agudo da sua interlocutora descesse ao intimo da sua alma, não o notava.

— E' uma mulher forte, Tecla, mas não a invejo. E' certo que tive desillusões na vida e que as chorei; comtudo, se pudesse reviver a minha mocidade, não renunciaria ao amor.

— E' natural. Mas creia, minha amiga, não ha nunca mérito em se renunciar áquillo que se não conhece.

— Leu isso em qualquer parte?

— Não. Mas habituei-me a julgar as grandes cousas da vida que



Lopes de Mendonça

Auctor da letra d'«A Portuguesa»

## O marechal Hermes da Fonseca, presidente eleito do Brasil, em Lisboa



Sahindo do Arsenal — O marechal Hermes da Fonseca, o sr. Costa Motta, ministro do Brasil e o sr. Teixeira de Souza, ultimo presidente do conselho da monarchia  
(Clické do A. C. Lima).

O presidente eleito do Brasil, marechal Hermes da Fonseca, chegou a Lisboa no dia 1 d'este mez, poucas horas antes de rebentar o movimento revolucionario que fez aluir a instituição monarchica. Da sua curta permanencia em Lisboa, o illustre marechal terá levado recordações inapagaveis do carinho com que o povo portuguez o recebeu, e da energia, coragem e generosidade d'esse mesmo povo nos dias tragicos da revolta.

No ultimo numero do Brasil-Portugal, que coincidiu com a chegada ao Tejo do S. Paulo, não nos foi dado o prazer de saudar o representante de um paiz a que nos ligam tantos laços de amizade. Embora tarde, vimos apresentar hoje as nossas saudações ao hospede de poucos dias e ao Brasil hospitaleiro onde tantos milhares de portuguezes encontraram uma segunda patria.

O marechal Hermes da Fonseca foi recebido com grandes manifestações de regosijo por parte de todo o elemento official e representantes de todas as classes, entre as quaes se destacou a Associação Commercial, a cuja iniciativa se deve o banquete na Sala do Risco do Arsenal de Marinha. Hospedou-se no paço de Belem. Assistiu a um banquete dado em sua honra nas Necessidades. Foi convidado para um almoço no castello da Pena. Recebeu a bordo do S. Paulo a visita do chefe de estado. Foi alvo de calorosas ovações de grandes ondas populares em frente do paço de Belem. De todas essas espontaneas manifestações de sympathia se haverá firmado no seu espirito observador a convicção da funda estima e admiração que o velho Portugal consagra à nação gloriosa em que se fala a mesma lingua.

O Brasil-Portugal insere cinco instantaneos curiosos e felizes que marcam a passagem do illustre viajante, passagem curta que abrangeu os ultimos momentos de um regimen velho e os primeiros vagidos de um regimen novo.

ignoro pelas pequenas, que conheço. Este raciocinio devo-o á couve-flor.

— A' couve-flor?!

— Sim. Eu nunca a tinha provado, era-me um legume extremamente antipathico á vista. Um dia em que fui jantar a casa do meu mestre, elle e a mulher, rindo de que eu aos vinte e cinco annos nunca o tivesse comido, teimaram de tal maneira para que o provasse que tive de ceder. Gostei immenso, mas não se dá com o meu estomago. Não tinha sido melhor não ter provado?

— Talvez, talvez tenha razão.

A porta abriu-se violentamente e Nêni entrou correndo com um ramo de flores na mão.

— O' Nêni! quem lhe deu licença de apanhar flores? disse a viscondessa reprehensiva. Peça já desculpa a Tecla e ponha o seu chapéo, que são horas.

— A Tecla é amiga, dá sempre flores.

— E como ella costuma dar, a menina apanhou-as?

— Pois!

E punha-se petulantemente em bicos de pés para lh'as dar a cheirar.

Despediram-se amigavelmente e Tecla quiz acompanhá-las á porta.

— Não, não. Está muito constipada, menina, não consinto. E obrigou Tecla a sentar-se de novo.

A pintora ergueu-se logo que a viscondessa se apartou e, antes que soubesse, fez-lhe um amavel e affectuoso cumprimento, pedindo-lhe:

— Segredo, sim?

A porta do atelier fechou-se pesadamente e Tecla, deixando-se cahir sobre a pelle de tigre estendida em frente do sophá, começou monologando:

— Só! E' triste viver só... Nunca vi uma mulher apoiada confiadamente ao braço de um homem que não sentisse immediatamente com magua que ao meu todo faltava uma parte. E' bem estúpida a vida!...

— Posso entrar?

Tecla poz-se de pé n'um salto e córada, um pouco con-

fusa, perguntou a Vasco Martins que se adiantava para ella de mão estendida:

— Como entrou?

— Pela porta: estava aberta.

— E' que ficou fechada em falso. Sua tia sahio agora.

— Bem sei. Encontrei-a.



(Clické de J. Benelle). O marechal Hermes da Fonseca em Lisboa  
Em frente do palacio de Belem — O povo de Lisboa manifestando a sua sympathia pelo presidente eleito do Brasil

— A que devo o gosto da sua visita? perguntou Tecla affectando uma serenidade que não tinha.

— Não lh'o posso dizer já. Permitta primeiro que appelle da sua sentença.

Tecla sorriu:

— Pelos termos de que se serve conhece-se logo que é advogado.

— Não zombe, Tecla, oiça-me... E Vasco falou-lhe longamente de amor, a meia voz, n'um tom melifluo e enlanguecedor cheio de promessas e triumphos, quasi confidencial, muito parecido com aquelle que as grandes modistas tomam enunciando as vantagens de qualquer trajo cujo preço parece exagerado á freguezia, mas de que

— Andei depressa, mas pelo que supponho, cheguei tarde.

— Não, tia, não. Chegou mesmo a proposito de pedir a Tecla que mude de resolução.

— Então, menina, que responde a Vasco?

A pintora estendeu-lhe a mão em silencio.

— E é bem de vontade? perguntou a viscondessa sorrindo.

— De vontade não. E' do coração: loucura que a razão condemna, mas que não posso vencer.



**O marechal hermes da Fonseca em Lisboa**

*A visita do Senhor D. Manuel a bordo do couraçado «S. Paulo»*  
(Cliché de A. C. Lima).

ellas fazem sobresalir os mil aspectos a ponto tal que a exorbitancia chega a converter-se em medida economica.

Tecla era mulher. Deixara-o falar por curiosidade e começava a sentir os effeitos capitosos das palavras de amor.

Quiz recobrar-se e aventurou-se a dizer n'uma voz commovida que a trahiú completamente:

— Falemos d'outra cousa, quer?

Vasco tomou-lhe a mão, que ella não teve força de retirar, sentou-se junto d'ella, falou-lhe mais baixo. Depois animou-se pouco a pouco e por fim passou-lhe a bocca nos labios com todo o ardor de uma sede infinita...

Pancadas repetidas resoaram na porta do atelier. Vasco apressou-se a abrir. A viscondessa de Monsós entrou afogueada, olhou-os a ambos afflicta e voltando-se a Vasco reprehensiva disse:



**O marechal hermes da Fonseca em Lisboa**

*O Senhor D. Manuel e o marechal Hermes da Fonseca*

(Cliché de A. C. Lima).

— Ah! o valor das theorias! commentou a viscondessa com um sorriso entre ironico e satisfeito.

— Não, tia, não. Diga antes o valor das informações. Se me não tivesse proporcionado o meio, nunca eu teria ouvido a historia da couve-flor.

— Ah! tornou a viscondessa receiando comprehender de mais.

— Não, não. Tomei o conselho do poeta:



(Cliché de J. Benoit).

**O marechal hermes da Fonseca em Lisboa**

*A assistencia ao banquete promovido por diversas collectividades em honra do presidente eleito do Brasil e realisado na sala do Risco do Arsenal*

E se em resistir teimar  
Co'os labios nos seus collados  
Até os sete peccados  
A farás adivinhar.  
Não julgues a dose pouca  
No teu furor de paixão  
Pois só um beijo na bocca  
Salva ou perde um coração.

A viscondessa riu. Tecla, que continuava confusa e retrahida, ergueu a cabeça e fitando Vasco, disse-lhe em tom aspero, quasi hostil: — No dia em que me constar a sua primeira infidelidade voltarei para o meu atelier. Conserva-lo-hei para isso.

Elle acreditou-a, e, pelo menos na apparencia, a sua conducta dá razão ao dictado: *O medo guarda a vinha.*

MARIA O'NEILL.

## Coronel Joaquim Vieira de Miranda

**A**s mais justas homenagens são aquellas que hoje se tributam aos que venceram e triumpharam após uma longa vida de esforço e de trabalho, conquistando um nome illustre e a consagração do meio em que exerceram a sua actividade e onde a sua intelligencia se evidenciou impondo-se á sympathia publica.

Pertence a esta categoria de homens o coronel Joaquim Vieira de Miranda. E' dotado de raro valor, de excepçoes qualidades de character e nobreza de sentimentos, occupando um lugar de singular



Coronel Joaquim Vieira de Miranda

destaque no estado do Pará, onde é muito respeitado e onde o seu nome está envolvido n'uma auréola da mais justificada consideração publica.

Tem a glorifical-o o maior titulo de honra que um homem pôde apresentar á sociedade: fez-se pelo seu esforço, luctou com a sua propria energia, attingindo um dos primeiros logares que só conseguem aquelles a quem a escola da adversidade dá o estimulo para a lucta de grandes empreendimentos. Foi um grande luctador esse homem benemerito que ha pouco mais de trinta annos seguiu de Portugal para o Estado do Pará, indo para essa terra florescente e amiga empregar a sua actividade. Para lá seguiu como tantos outros, sem uma recommendação affectuosa, sem relações algumas que o lançassem nos primeiros embates da vida.

Durante quinze annos todos em Portugal ignoravam o seu destino. Ninguem, absolutamente ninguem, conseguira obter noticias de Joaquim Vieira de Miranda.

Elle, porém, vivia, ou para melhor dizer, luctava para iniciar os seus empreendimentos de trabalho e cimentava os alicerces do seu grande edificio. Socio da casa commercial Gonçalves de Brito & C.<sup>a</sup>, passou, depois a ser o chefe da importante firma Miranda, Silva & C.<sup>a</sup>,

dando o maior impulso a esta casa que occupa hoje no Pará um logar honroso entre o grande commercio da capital do estado paraense, girando sob a razão social de Cortez, Coelho & C.<sup>ta</sup>

O coronel Vieira de Miranda sentindo-se fatigado de tão activa vida commercial, desligou-se da sociedade, ficando commanditario d'essa importante casa, que, graças aos seus actuaes solidarios Henrique Pereira Cortez e Arnaldo de Mello Coelho, continua a seguir a orientação do antigo chefe Joaquim Vieira de Miranda, afirmando-se cada vez mais no seu elemento commercial.

Durante a vida activa do coronel Miranda o Estado do Pará deu-lhe deferencias honrosas ás quaes tambem o governo da Republica se associou pela forma mais digna e brilhante como no Brasil se revela o apreço pelos homens que se tornam credores das homenagens officiaes. Assim, pelo decreto de 25 de julho de 1904 foi concedida pelo presidente da Republica ao sr. Joaquim Vieira de Miranda a patente de tenente-coronel, commandante do 2.º batalhão de artilheria de posição, da guarda nacional, do Estado do Pará.

Naturalisado cidadão brasileiro ha quinze annos, foi o seu nome indicado para cargos publicos, sendo eleito pela segunda vez vogal do conselho municipal de Belem, que ainda hoje occupa. Foi deputado á Junta Commercial do Pará, onde prestou serviços relevantes pela sua sensata orientação e pelo seu elevado criterio.

Occupa tambem o sr. coronel Miranda o logar de vice-consul da Republica Argentina, com jurisdicção no Pará e Maranhão.

Apesar de ligado ao Brasil pela familia, pela naturalisação e pelas honras, o sr. Joaquim Vieira de Miranda não esquece nunca que teve por berço a poetica villa de Marco de Canavezes, tendo tomado a iniciativa de muitos melhoramentos e beneficios para a sua terra, contribuindo tambem com actos de generosidade e bizzarria que por um sentimento de modestia occultamos, pois bem sabemos quanto tem de grande e de nobre esse primoroso character e homem de bem.

O *Brasil Portugal* que prima sempre em prestar homenagem aos que se consagram pelo trabalho e pelo merito, honra-se exaltando hoje nas suas columnas o coronel Joaquim Vieira de Miranda, saudando n'elle o esforço intelligente e a coragem para a lucta que tornam dignos os homens que se enaltecem pelo seu esforço e que tiveram a honra por melhor titulo de nobreza.

J. FRANCISCO GRILLO.

## O ultimo rei da Hollanda

**E**m 1870 o ultimo rei da Hollanda estava muito resolvido a declarar guerra á Prussia e a juntar-se aos francezes. Muitos o acompanhavam n'essa idéa, mas os homens politicos mais importantes, reconhecendo o absurdo da resolução, e a gravidade que podia ter, tremiam de que tal se fizesse, e estavam tanto mais preoccupados com isso quanto sabiam que o rei trazia na algibeira a declaração de guerra, prompto a communicar-a, no primeiro ensejo, ao ministro da Prussia, e sabiam tambem que em Berlim já se tinha conhecimento das manias bellicosas do rei de Hollanda.

Conheciam, porém, o terrivel genio do rei, e temiam que, se lhe dissessem alguma coisa, não apressasse a explosão. Foi então que o celebre estadista hollandez Thorbecke deliberou intervir.

Thorbecke foi professor em Utrecht, e o rei não o tratava senão por «sr. professor». Não gostava d'elle, não só pela frieza do seu temperamento mas tambem pelo seu modo secco de fallar, e até pela sua altura, que fazia com que Thorbecke, quando fallava com o rei, fallasse para elle de cima para baixo.

Thorbecke, pois, entrou no quarto do rei, e este franziu as sobrancelhas quando o viu.

— Então, sr. professor, disse-lhe elle, que ha de novo?

— Nada! Ah! na Haya dizem-se muitas tolices.

— A respeito dos meus ministros?

— Tambem a respeito de Vossa Magestade.

— A meu respeito? Então que dizem?

— Não me atrevo a repetil-o.

— Diga! Quero saber.

— Bem! Dizem que Vossa Magestade está doido.

O rei perdeu a cabeça, e, agarrando n'um bonito tinteiro de prata que estava em cima da meza, ia atiral-o á cara do ministro. Mas o tinteiro embaraçou-se no tapete da meza, e o rei pôde conter-se a tempo.

— Meu senhor, acudiu Thorbecke friamente e desempenando a sua alta estatura, se Vossa Magestade me atirasse esse tinteiro, não faria senão confirmar-se em Haya.

E, aproveitando o ensejo, expoz com energia ao rei as razões politicas que se oppunham a que a Hollanda interviesse na guerra que se preparava. O rei, envergonhado do movimento irreflectido que tivera, ouviu-o com attenção, e na presença d'elle rasgou a declaração de guerra.

Fragmento de um dialogo, apanhado no curso de animada conversação:

— Sempre sou muito tolo em discutir com o senhor... porque afinal, vejo que não é aguia nenhuma.

— Ah! diz bem; e a prova, é que estive perto d'uma hora sem perceber que o senhor era um perfeito imbecil.